

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora
Ano 2020

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N936 Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-378-1

DOI 10.22533/at.ed.781200909

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
2. Tecnologias. I. Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Vivemos um mundo de velocidade e transformações. Algumas são pequenas e cotidianas, mas seus impactos são amplos. Como um celular, que hoje nos conecta a todo momento do dia, por exemplo. Ou a realidade da globalização da cultura e dos problemas sociais.

Existe uma relação direta entre os espaços de produção do conhecimento nas ciências humanas e a constituição de uma racionalidade científica sobre a realidade social, seus problemas e espaços. É ponto pacífico, pela própria fluidez de nossa relação com o tempo e com o “estudo dos homens no tempo”, para usar uma expressão de Marc Bloch (2002, p. 55), que o conhecimento e a racionalidade não têm uma natureza linear e única, mas antes têm como base uma multiplicidade de possibilidades. Isso porque, nossa relação com o conhecimento é fundada na proximidade constante de experiências, na compreensão que são as questões do presente o grande títere do passado enquanto um espaço gerador de sentido para as diferentes vivências. Esse dinamismo inerente ao saber histórico traz consigo a multiplicidade de narrativas e construções presentes e ativas na sociedade.

Assim, na reflexão sobre o conhecimento, sua natureza e o espaço que ocupa em sociedade há um espaço importante a ser ocupado: o espaço de “auto-reflexão, como retorno ao processo cognitivo de um sujeito cognoscente que se reconhece reflexivamente nos objetos de seu conhecimento, suas fontes, suas possibilidades e suas tecnologias. Assim, as transformações e velocidades do mundo, dos objetos e do real, também dialogam com a produção da pesquisa, do trabalho com as fontes e as possibilidades de conhecimento que se abrem e se apresentam.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O IMPACTO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA IDENTIDADE DOCENTE	
Bárbara Regina Gonçalves Vaz	
DOI 10.22533/at.ed.7812009091	
CAPÍTULO 2	15
PORQUE INCLUIR O QUE ESTÁ FORA DOS CONTEÚDOS DISCIPLINARES? ESTAMOS FALANDO DE MÚSICA!	
Flavia de Oliveira Barreto	
Fleudya Benigno Lopes Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.7812009092	
CAPÍTULO 3	28
A INFLUÊNCIA DAS <i>SELFIES</i> NO PROCESSO IDENTITÁRIO DE JOVENS E ADOLESCENTES EM UMA ESCOLA DE PORTÃO / RS	
Daiane Fontes	
Jaqueline da Silva Torres Cardoso	
Sandra Maria Costa dos Passos Colling	
DOI 10.22533/at.ed.7812009093	
CAPÍTULO 4	40
PERFIL SOCIAL E PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA EM UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE URUÇUI - PIAUÍ	
Rute Sousa do Nascimento	
Anna Walléria Borges de Araújo	
Iago Costa de Oliveira	
Marcílio Macêdo Vieira	
Miguel Antonio Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.7812009094	
CAPÍTULO 5	52
MARCOS REGULATÓRIOS DA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO NO BRASIL	
Mirian Rocha de Almeida	
Luís Alberto Lourenço de Matos	
DOI 10.22533/at.ed.7812009095	
CAPÍTULO 6	78
APRENDIZAJE COMPLEJO MEDIADO POR TIC PARA ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS VENEZOLANOS	
Hebert Elias Lobo Sosa	
Ana Carolina Pacheco Millán	
Jesús Ramón Briceño Barrios	
Manuel Antonio Villarreal Uzcátegui	
DOI 10.22533/at.ed.7812009096	

CAPÍTULO 7	97
O CAP-UERJ E AS IMPRESSÕES VISUAIS NO ENSINO DE ARTE	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
DOI 10.22533/at.ed.7812009097	
CAPÍTULO 8	109
CONHECER PARA ATUAR, ATUAR PARA CONHECER: PELOS INDÍCIOS DE UMA CIÊNCIA SOCIAL POPULAR E MOBILIZADA	
William Bueno Rebouças	
DOI 10.22533/at.ed.7812009098	
CAPÍTULO 9	128
REZADEIRAS, ERVEIRAS E PARTEIRAS DO CARIRI: TECENDO PRÁTICAS DE CURA-NAScer NA AMÉRICA LATINA	
Nayara de Lima Monteiro	
Luciana Patrícia Zucco	
DOI 10.22533/at.ed.7812009099	
CAPÍTULO 10	144
(DES)SUBALTERNIZAR O “BRASILEIRO NATIVO” NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE DOS CURRAIS: CRÍTICA AO EUROCENTRISMO A PARTIR DA PERSPECTIVA DECOLONIAL	
Paulo Robério Ferreira Silva	
João Batista de Almeida Costa	
DOI 10.22533/at.ed.78120090910	
CAPÍTULO 11	158
MISS GAY – CONSTRUINDO IMAGINÁRIOS SOBRE A CIDADE DE JUIZ DE FORA-MG	
Muryllo Rhafael Lorensoni	
Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca Voltolini	
José Serafim Bertoloto	
Maria Regiane Silva Lopes Barrozo	
Sílvia Mara Davies	
DOI 10.22533/at.ed.78120090911	
CAPÍTULO 12	163
GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: A INTERSECÇÃO TEORIA-PRÁTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA	
Ketlenn Franciellen Oliveira de Lima	
Maysa Araújo Rodrigues	
Monique Kelly dos Santos Nascimento	
Maria Cinéria dos Santos Viana	
Mairianne Pereira de Moraes	
Cristiane Maria Alves Martins	
DOI 10.22533/at.ed.78120090912	

CAPÍTULO 13..... 173

**IMPLICAÇÕES DO PRECONCEITO E HOMOFOBIA CONTRA POPULAÇÃO
LGBT+ NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Tamires Alves Dias
Josefa Iara Alves Bezerra
Stéffane Costa Mendes
Caroline da Silva Souza
Daiana de Freitas Pinheiro
Mariana Cordeiro da Silva
Milena Silva Ferreira
Teodoro Marcelino da Silva
Andreza Vitor da Silva
Antonio Wellington Vieira Mendes
Kadson Araujo da Silva
Samara Calixto Gomes

DOI 10.22533/at.ed.78120090913

CAPÍTULO 14..... 179

**O ENCONTRO DE HOMOSSEXUAIS MILITANTES (1979) E AS BANDEIRAS DA
PRIMEIRA ONDA DO MOVIMENTO LGBTI+ NO BRASIL**

Rhanielly Pereira do Nascimento Pinto
Eliane Martins de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.78120090914

CAPÍTULO 15..... 193

**FASCISMO E COMUNISMO NO BRASIL DE 2018: O EMPREGO DE CONCEITOS
EXTREMOS NO PAPEL DA LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO**

Vinicius Ribeiro Sampaio
Felipe Sampaio de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.78120090915

CAPÍTULO 16..... 200

A NOVA ROUPAGEM DO MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

Beatriz Leal de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.78120090916

CAPÍTULO 17..... 213

**DEPRESSÃO, RESILIÊNCIA E ESTRATÉGIAS DE SELEÇÃO, OTIMIZAÇÃO E
COMPENSAÇÃO: UM ESTUDO COM IDOSOS DO MUNICÍPIO DE IVOTI/RS**

Camila Koren Chiappini
Anna Regina Grings Barcelos
Andrea Varisco Dani
Raquel Maria Rossi Wosiack
Martina Dillenburg Scur
Geraldine Alves dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.78120090917

CAPÍTULO 18.....	222
AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE ANTIOXIDANTE E FENÓIS TOTAIS EM CERVEJAS ARTESANAIS COMERCIALIZADAS EM SOBRAL-CE	
Murilo Sérgio da Silva Julião	
Letícia Kelly Mesquita Rodrigues	
Lúcia Betânia da Silva Andrade	
Hélcio Silva Santos	
Alexandre Magno Rodrigues Teixeira	
Leopoldo Gondim Neto	
DOI 10.22533/at.ed.78120090918	
CAPÍTULO 19.....	237
O TURISMO NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUNICÍPIO DE ROSÁRIO DO SUL	
Janderlei Velasque Dal Osto	
Lucas Mauricio Willecker dos Santos	
Bruno Ribeiro de Oliveira	
Rafael Dezordi	
DOI 10.22533/at.ed.78120090919	
CAPÍTULO 20.....	249
DIREITO PENAL DO INIMIGO NO ÂMBITO DA PRISÃO PREVENTIVA	
Carlos Eduardo Monteiro de Paiva	
Alexandre Pinto Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.78120090920	
CAPÍTULO 21.....	258
DISCURSOS VISUAIS QUE O GRAFITE REVELA NA/DA CULTURA CONTEMPORÂNEA	
Maria Regiane Silva Lopes Barrozo	
José Serafim Bertoloto	
Muryllo Rhafael Lorensoni	
Sílvia Mara Davies	
DOI 10.22533/at.ed.78120090921	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	276
ÍNDICE REMISSIVO.....	277

CAPÍTULO 2

PORQUE INCLUIR O QUE ESTÁ FORA DOS CONTEÚDOS DISCIPLINARES? ESTAMOS FALANDO DE MÚSICA!

Data de aceite: 01/09/2020

Flavia de Oliveira Barreto

DEDU/FFP/UERJ

Rio de Janeiro

<http://lattes.cnpq.br/5456758245832787>

Fludya Benigno Lopes Xavier

DEDU/FFP/UERJ

Rio de Janeiro

<http://lattes.cnpq.br/4939452183849852>

RESUMO: O foco deste artigo é promover a inclusão de um tipo de Educação Musical para estudantes, entendendo esta iniciativa como uma possibilidade de enriquecer o aprendizado na área de conhecimento vinculada às Ciências Humanas, em especial no tocante aos temas Cidadania e Cultura Nacional. A utilização de novas tecnologias da informática são ferramentas necessárias para viabilizar este tipo de iniciativa.

PALAVRAS - CHAVE: Ciências Humanas e Cidadania Educação e Cultura Formação de Professores e Educação Musical.

ABSTRACT: The aim of this article is to promote inclusion of a style of musical education for students in humanities. The appreciation of music is an opportunity to enrich learning in the field of Human Sciences, and about the themes citizenship and national culture. Information technologies is a necessary tool for this initiative to work.

KEYWORDS: Culture and Education Teachers Training and Musical Education Citizenship and Human Science.

No campo das Ciências Humanas, alguns temas são permanentes e atravessam distintos campos disciplinares tais como Antropologia, História, Sociologia, Educação e outros. Vamos nos ater no presente artigo aos seguintes temas: cultura, identidade nacional e cidadania.

Evidentemente, há um entrelaçamento entre os dois temas, pois não há exercício de cidadania sem que esteja fortemente consolidado o sentimento de pertencimento a uma sociedade, ou seja, sem que exista clareza quanto ao fato de que cada identidade individual deve então existir como conexas a uma dada identidade nacional, para que o sentimento de pertença lhes inspire ao exercício pleno da cidadania.

O que nos surge como inspiração de um futuro para o aprendizado nos vários campos das ciências humanas em relação aos temas anteriormente destacados é a possibilidade de percebermos os atravessamentos pertinentes, e que podem ser originários de outros campos de saberes, tais como a arte musical, as memórias e as histórias escondidas no patrimônio cultural musical brasileiro.

Sobre o debate acerca do conceito de cultura, alguns autores dedicados ao caso brasileiro debruçam-se incansáveis, através dos tempos, em busca de elementos que possuam a propriedade de articular a memória cultural e a identidade nacional brasileira. Renato Ortiz, um autor que apresenta um bom panorama do

debate, resgata a noção de cultura popular em Werneck Sodré, que afirma sua percepção de que só pode ser identificado como nacional o que é proveniente de uma origem popular, inspirado pela ideia de mistura racial, noção presente nos autores que o precederam como Silvio Romero, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre. Quer seja a partir de uma perspectiva racial como em Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, ou abarcando a ideia de homem sincrético, produto do cruzamento entre três culturas distintas, há uma preocupação que ocupa os intelectuais brasileiros nos anos 50 e 60 no Século XX: distinguir os elementos constitutivos da identidade nacional como fundamento do Estado brasileiro.

Ortiz apresenta também a leitura que Roger Bastide faz do conceito de memória coletiva em Halbwachs, para afirmar que há uma “miniatura da África” na ritualização das religiões afro-brasileiras, atualizando e revivificando celebrações de cunho religioso. Porém, ainda cabe problematizar a noção de africanidade como constituinte de uma identidade nacional, posto que a partir das práticas culturais experimentadas pelo espaço continental que é o Brasil, o que se pode encontrar é a mais diversificada pluralidade, estendida para muito além da memória de uma África que não é país de uniformidade cultural e, sim, continente composto de infinidade de etnias e religiosidades.

De forma pertinente, Ortiz retoma o debate e separa a memória coletiva da memória nacional, conforme Halbwachs também o faz, dimensionando a memória coletiva que se manifesta ritualmente como sendo tanto ou mais presente, quanto menor é o grupo que a compartilha, enquanto que a memória nacional é fruto de uma construção em disputa e que se ancora em construção ideológica no diálogo com a História. Ou seja, o problema de uma identidade nacional assentada na ideia de cultura nacional, parece tornar a pretensa identidade nacional intangível enquanto conceituação estável.

Ao observar a questão por outro ângulo, a disputa pela escolha de quais serão os componentes a habitar o sentimento de brasilidade é uma realidade dinâmica e historicamente permanente. Trabalhar na direção de ocupar espaços é sem dúvida atribuição para intelectuais e educadores atuantes de hoje e em um futuro bastante permanente.

CIDADANIA

Entendemos que o tema cidadania não deveria ser considerado um assunto disciplinar sobre o qual se lê e debate, permanecendo, todavia alheio à cotidianidade da vida social. Consideramos a cidadania fundamentalmente como uma prática social viva, inspirada e guiada pelo sentimento profundo de se fazer parte. Algo socialmente compartilhado, do qual muitos comungam e conhecem com

relativa profundidade, de tal modo que une tal memória venha a unir todos nos cuidados com a sociedade a qual pertencem.

(...) a existência de um discurso metamemorial é um indicador precioso, revelador de uma relação particular que os membros de um grupo considerado mantêm com a representação que eles fazem da memória coletiva desse grupo, e, de outro lado, esse discurso pode ter efeitos performativos sobre essa memória, pois, retomado por outros membros, esse discurso pode reuni-los em um sentimento de que a memória coletiva existe e, por esse mesmo movimento, conferir um fundamento realista a esse sentimento. (CANDAU, 2018, p.34)

O autor ao analisar as propriedades da memória, entre as várias tipificações, indica a relação das memórias compartilhadas e a possibilidade de unir uma coletividade em torno da percepção de pertencimento por meio do compartilhamento de memórias comuns. *“Se admitirmos que os seres humanos não são indivíduos atomizados, criando suas identidades e perseguindo seus objetivos independentemente dos outros”* (CANDAU, 2018, p.31)

Propomos eleger, para que se desenvolva nas novas gerações a percepção da cidadania através do sentimento de pertencimento, questões outras, que se situam para além de acontecimentos e fatos elencados na narrativa histórica como as principais ancoras referenciais. Nos referimos a apresentar uma expressão da cultura, que se efetiva por meio de uma das linguagens artísticas, que tem como característica maior, possuir o maior potencial de contundência e atingimento social. Estamos indicando a música como essa ponte de integração entre os temas exponenciais das ciências humanas e o sentimento inspirador de cidadania ativa.

A música, entre os tipos diferenciados de arte, agrega a todos como se uma força etérea estimulasse o gosto. Para além do credo, das origens étnicas, das inserções de classe, a humanidade como um todo é sensibilizada pela música. Assinalamos que a produção e veiculação da música faz voltar sobre si muitos olhares a partir de diferentes campos de estudo. Articulam-se a arte e a economia, conforme a dinâmica intrínseca de inclusão social e a geração de emprego e renda que a parte musical do patrimônio cultural e artístico impulsiona. Deste modo, a educação musical é uma conquista social que produz, por conseguinte, uma clara conexão com a dimensão da vida política, configurando-se um instrumento real de inclusão social e, de grande contribuição para a redução de algumas barreiras sociais.

Sendo mais específica sobre o que é música conforme o ponto de vista técnico, PRIOLLI (2006) é a ligação da arte dos sons, relacionando com as variações de altura no qual a música possui três importantes elementos, a melodia, ritmo e harmonia. PRIOLLI, (2006) ainda ressalta que a música, devido aos elementos citados acima, pode ser usada para “expressar profundamente qualquer sentimento”

p.6 Porém, em busca de definições, podemos seguir outra linha, mais afeita ao plano do sensível:

Compreendemos o que é música quando ao ouvirmos uma, experimentamos sensações impossíveis de serem expressas por meio de palavras. São momentos oníricos em que transcendemos e nos vemos transportados para lugares nunca antes visitados, quicá inexistentes, mas possíveis de serem sentidos, infinitamente, por meio de uma comunhão que se faz entre o ouvinte e a música.

Nesses momentos a música deixa de ser um problema de ritmo, de harmonia ou de melodia, como diria um teórico e passa a ser tão somente as 'asas da alma'. (BARRETO, F.O., LEAL, R.C.S, 2016, p. 138-139.)

Todavia, é relevante ressaltar que a possibilidade de apreciar a música de forma ampliada, assim como a possibilidade de fruição de demais linguagens artísticas se encontra diretamente ligada ao percurso de formação, à inserção social, ao momento histórico, ao horizonte de perspectivas, bem como ao acesso a um maior nível de conhecimento sobre o próprio campo artístico em si. O que nos coloca ante a necessária democratização do direito de acesso ao patrimônio cultural e social. Identificamos a Educação Musical como uma possibilidade de contribuição para a reafirmação/construção de uma memória musical brasileira compartilhada, pontilhada pelas contribuições de indivíduos produtores de uma linguagem artística que expressam relação tempo-espaço de suas produções e do público que as reverenciam.

Fruto da mobilização social, a Lei 11769/2008, ainda em vigência sobre a Educação Básica, esta Lei propõe uma Educação Musical obrigatória. Entretanto, sem a devida clareza de como tornar realidade o propósito do disposto no texto da lei, iniciativas esparsas fazem a interpretação sobre os objetivos a serem alcançados. Ao observar as possibilidades práticas de implementar uma Educação Musical direcionada para a formação de instrumentistas ou cantores, testemunhamos uma série de exercícios que pouco contribuem para a formação de uma geração de apreciadores da arte musical. Em algumas escolas professores esforçam-se para ensinar os fundamentos da escrita musical, entremendo aulas enfadonhas com o canto de hinos; em outras compõem-se à guisa de uma releitura do que Villa-Lobos organizou ao produzir uma apresentação de gigantesco coral composto por vozes infantis. Na ocasião, o evento se propôs a ser um exemplo da amplitude do alcance da política de educação musical do governo Vargas, capitaneada por Villa-Lobos. Este exemplo inspirou posteriormente a apresentação das centenas de moças acordeonistas sob a batuta do professor Mascarenhas, na década de cinquenta, no campo de atletismo do estádio do Maracanãzinho.

Ainda podemos presenciar exercícios que replicam essa concepção de educação musical massiva atualizada, na exibição de pequenas orquestras de muitas flautas, organizadas para apresentarem os filhos aos pais orgulhosos pela formação criativa que os filhos estão a receber nas escolas particulares. As flautas estão em voga por motivos de fácil entendimento: inicialmente, porque são baratas, não ocupam lugar, são de uso pessoal e justificam que se coloque aos pais a necessidade de que estes se encarreguem de comprar os instrumentos para seus filhos, o que desincumbe financeiramente a escola de adquirir o suporte necessário para viabilizar a Educação Musical de seus alunos.

Se a proposta de Educação Musical fosse realmente direcionada à formação obrigatória de todos os alunos na Educação Básica como instrumentistas minimamente hábeis, o compromisso de adquirir instrumentos numerosos e variados, correspondendo à formação de pequenas orquestras em cada escola, deveria ter sido também esta aquisição uma imposição clara ao Estado e as demais escolas no momento da aprovação da Lei. Todavia, não se dispôs sobre a necessidade de uma estrutura minimamente suficiente para estabelecer com clareza e de forma inquestionável que o objetivo da Educação Musical seria formar musicistas com a formação de instrumentistas.

Verdadeiramente, nem todas as crianças e jovens que estão em período escolar tem pendores para se expressar como instrumentistas ou compositores. Nem pendores e nem sequer a necessária paixão para suportar a obrigatoriedade de uma dedicação incansável e ininterrupta, própria da formação do musicista mediano. E no caso de não haver a empatia pelo processo de aprendizado e domínio de um instrumento, tudo o que advém deste processo se torna tão desagradável quanto qualquer castigo insuportável, para aquele que se percebe como vitimado por um processo de aprendizado exigente e com o qual não se identifica.

Porém, de forma paradoxal, todos, indiscriminadamente apreciam a música e se deixam tocar por ela de alguma maneira. Independente da faixa etária, do credo religioso, da etnia, da orientação sexual ou das inserções de classe, não existe ser humano que rejeite se deixar tocar de alguma maneira por esta, ou aquela outra manifestação musical. A humanidade como um todo é sensibilizada pela música.

Entendemos que o acesso ao patrimônio cultural e musical brasileiro, na forma em que este se encontra enquanto um patrimônio memorável, em condições de difícil acesso e em completa desordem, é uma tarefa restrita aos iniciados, pesquisadores e colecionadores. Por este motivo, uma aproximação depende em grande medida do gosto que se pode desenvolver, para que este estimule e promova então o exercício esforçado por esta busca de conhecimento. Trata-se verdadeiramente de um trabalho quase arqueológico de busca pelas veredas perdidas da musicalidade brasileira, em busca de reavivar a memória da sociedade em torno da sua própria

produção da arte musical. Sabemos que a memória “é composta por lembranças, que são mais ou menos valorizadas, mas também por esquecimentos de coisas e fatos que não deixaram vestígios de si, seja porque não são mais lembrados, seja porque algo ou alguém impede sua rememoração”. (GUARINELLO, 2014, p. 11).

No caso em pauta, o impedimento da valorização pela rememoração vincula-se a uma fatídica prática largamente adotada em nosso país: a desvalorização de tudo o que é produzido e realizado por cada um de nós como sintoma do desapareço à própria cidadania e pertencimento à sociedade brasileira. Ainda que por reflexo de uma multiplicidade de problemas herdados desde os primórdios do processo de formação da sociedade brasileira enquanto colônia. A desigualdade social em que ainda permanecemos submersos em nossa sociedade aparece no olhar de Murilo de Carvalho (2010), que aponta em relação ao processo histórico de estabelecimento da cidadania no Brasil, uma espécie de perpetuidade da escravidão, no que tem derivado dela no tocante às desigualdades entre os vários segmentos e classes sociais quanto às oportunidades de acesso ao conhecimento e à cultura.

Ainda podemos identificar que a apreciação reduzida da arte musical ou de qualquer outra arte tem inúmeras conseqüências para a formação dos educadores e do público em geral. Trata-se de um tipo de inabilidade restritiva que acaba por ampliar o efeito das imposições de uma mídia massiva, cujo compromisso cultural maior tem sido o lucro e não a divulgação das iniciativas de produção que emergem, incessantemente, dos vários segmentos do tecido social. A este tipo de ação, soma-se a restrição do acesso pelo público a manifestação original oriunda dos mais distintos contextos sociais e o conseqüente processo de esquecimento a que são submetidas, tanto as mais novas, quanto as mais antigas criações artísticas.

Edgar Morin, ao refletir sobre a dominação cultural imposta pela indústria da cultura, que se apropria da arte e a torna mercadoria massivamente vendável, vislumbra a profundidade da colonização do espírito humano conseqüência da ação desta indústria que objetiva monopolizar o gosto e o conhecimento das novas gerações e termina por reduzi-lo à apreciação das mercadorias que oferece.

A segunda industrialização, que passa a ser a industrialização do espírito, a segunda colonização que passa a dizer respeito à alma progridem no decorrer do século XX. Através delas espera-se esse progresso. Através delas, opera-se esse progresso ininterrupto da técnica, não mais unicamente votado à organização exterior, mas penetrando no domínio interior do homem e aí derramando mercadorias culturais. (MORIN, 1975, p.9)

Toda esta “colonização do espírito”, como denomina Morin, sedimenta o Estado e o capitalismo como fortes protagonistas, atuantes na cena cultural brasileira, em detrimento da presença dos que, durante todo o período de formação

da sociedade brasileira viveram no território nacional, dedicando-se a produção de manifestações culturais através da aplicação da linguagem artística musical.

Por este caminho reflexivo entendemos que o oferecimento de experiências de apreciação musical vinculadas à aproximação dos compositores pela narrativa (auto)biográfica vem a oferecer aos apreciadores da arte musical em formação, experiências de entendimento aprimorado em relação à arte, posto que propicia a vinculação do que se ouve com os contextos sociais, culturais, econômicos, políticos e históricos em que se situam os compositores e suas manifestações musicais. Este tipo de aproximação também adiciona a possível vinculação afetiva ao personagem do qual se passa a conhecer não apenas a obra, mas a vida e as vivências desafiadoras que enfrentou, durante os momentos em que se dedicou a musicalizar as expressões de suas trajetórias sociais. Redobrando-se deste modo a intensidade sensível que complementa inefavelmente o gosto da descoberta e a apreciação das manifestações artísticas, por parte do público. É bastante familiar a dificuldade de preservação da memória histórica vinculada a monumentos, construções, documentos, ou outros tipos de ícones representativos dos processos instituintes de uma noção de nítida brasilidade em nosso país. Atribui-se em parte a esse aspecto de nossa práxis social a existência de frágil apego e sentimento de pertencimento à sociedade brasileira.

Se estivermos interessados em participar da disputa na composição de um sentimento de brasilidade que dialogue com a realidade vivida por personagens múltiplos, imersos muitas vezes em contextos de grande precariedade, como é o público escolar, podemos contribuir ativamente participando do esforço de manter vivo, na memória das novas gerações a contribuição de inúmeros e magníficos artistas musicais brasileiros. Nossos artistas e a arte musical brasileira, embora muito apreciados no exterior, permanecem relegados ao véu do desconhecimento entre nós. O que se sabe sobre Cussy de Almeida? Luperce Miranda? Alberto Nepomuceno, Lorenzo Fernandez, Ernesto Nazareth, Carlos Lira, e um sem número de outros nomes que soam no vazio aos jovens ouvintes.

Consideremos que o cenário de vivência do sentimento de brasilidade tem sido um momento costumeiramente resumido à celebração de eventos esportivos. Enquanto educadores, podemos apostar com alegria na pertinência de nos ocupar das novas gerações, que se encontram absorvidas, quase que exclusivamente pelo que lhes é apresentado nos programas televisivos massivos, oferecendo-lhes a oportunidade de navegar por um mar de sons e paixões brasileiras.

A EXPERIÊNCIA EM CAMINHOS TRILHADOS NA EDUCAÇÃO MUSICAL

A música é tida como de extrema importância para a vida das pessoas.

Podemos citar alguns exemplos visíveis, quando ao sair de casa pela manhã para ir ao trabalho, podemos ver muitos outros indivíduos com fones de ouvido enquanto andam pela rua. Para muitas pessoas é uma maneira de experimentar um momento de relaxamento, um momento de paz e reflexão. Criam uma trilha sonora que os acompanham aos mais variados momentos da existência.

Ao levantarmos a importância de uma educação musical que tente ajudar ao indivíduo a conhecer sobre si, sobre a história e o lugar em que vive, podemos trazer ainda outras exemplificações nas escolas regulares de educação infantil ao ensino médio, nas quais ainda vemos algumas tradições que carregam a preocupação do ensino de música. Elas se evidenciam nos desfiles cívicos anuais que cada escola faz, com sua banda marcial composta por impressionantes instrumentistas que levam música, alegria e comoção àqueles momentos em que se apresentam. Essas exposições tornam-se para os que fazem parte das bandas escolares ou para os que as assistem, bem como para os familiares que as acompanham, uma tradição e um rico patrimônio.

A partir destas percepções, estudos e debates entre o grupo que integra o Projeto de Extensão Laboratório de Educação Musical, alguns projetos surgiram e entre eles a realização de Oficinas de Educação Musical e posteriormente, um Curso de Extensão em Educação Musical.

Desde a implementação na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, das Oficinas de Apreciação Musical, alguns exercícios, a meu ver, se destacaram como uma iniciativa relevante e desejada para a complementação da formação de professores, portanto, interessante e, ao mesmo tempo, reveladora da precária condição em que se encontram grande número de estudantes universitários participantes, em relação à possibilidade de apreciação ampliada da linguagem musical.

Apresento os temas a seguir como suficientemente exemplificadores da necessidade urgente de trabalharmos a formação de público, a ampliação da apreciação musical, como um enriquecimento à limitada percepção que foi reiteradamente revelada pelos participantes destas oficinas. Os temas em destaque e que foram abordados nas oficinas e no curso são: música e letra; melodia e harmonia; diversidade de sons dos instrumentos musicais envolvidos em uma execução; gênero e estilo. Estes foram os temas que em especial despertaram muita curiosidade e permitiram aos participantes destas oficinas dimensionarem o próprio desconhecimento em relação àquilo que declararam apreciar: a música. Sem mencionar o desconhecimento em relação à memória da arte musical brasileira, ou seja, os nomes dos inúmeros e importantíssimos compositores, o que foi destacadamente percebido. Aqueles que permanecem por algum tempo na memória das novas gerações são quase que exclusivamente os nomes dos compositores e

cantores que estão atualmente divulgados pela mídia massiva.

No que diz respeito à distinção entre música e letra, a confusão é constante. Em inúmeras ocasiões durante a realização de trabalhos em diversas disciplinas, os alunos envolvidos declaram que pretendem apresentar uma música e, no entanto, na ocasião, procedem à leitura de um poema, muitas vezes sem sequer cantar a embalagem musical do dito poema, e afirmam que não cantam porque se sentem inibidos para isso. Permanecendo a música ausente da apresentação e a letra que, apresentada isoladamente, na verdade é um poema, ao ser lido, recebe o título de “música”. Tal procedimento faz desaparecer da percepção de todos os que assistem a tais apresentações a linguagem musical em sua especificidade, reafirmando uma percepção de senso comum equivocada em relação à impossibilidade de dissociação entre música e letra, reafirmando a noção de que a música é na verdade uma letra entoada de maneira específica.

Melodia e harmonia também são aspectos que suscitam a curiosidade, pois indiscutivelmente, os alunos desconheciam a distinção entre essas duas dimensões da composição musical. Embora seja recomendada uma iniciação mínima em relação à escrita musical para que se facilite o entendimento sobre a noção de melodia e harmonia, a percepção auditiva que habilita o apreciador da arte musical a distinguir ambas é um dos aprendizados necessários para embasar inclusive a ampliação do gosto pela música.

Quem toca? Quais são os instrumentos utilizados? Após uma audição de qualquer composição apresentada durante as oficinas, por mais que se esforçassem em perceber, na medida em que iam sendo exigidos e a atenção gradativamente se aguçava, os participantes das oficinas permaneciam mudos ante o questionamento sobre quais foram os instrumentos que participaram da execução da música que acabaram de ouvir. Alguns ousavam afirmar que havia “uma bateria e a música”. Por desconhecimento, não se dedicavam a ouvir e buscar distinguir as execuções distintas, se permitindo apreciar as performances dos instrumentistas nas suas execuções personalíssimas. Esta percepção limitada reduz e empobrece a audição dos apreciadores da música.

Quanto ao tema gênero e estilo, reside neste binômio o maior desconhecimento de todos. Assistimos durante os séculos de práticas sociais que permearam a formação social brasileira o surgimento de uma diversidade de gêneros musicais que revelam, entre outras características, a originalidade, a expressão de seus segmentos sociais de origem, os contextos históricos em que foram produzidos, o espaço-tempo destes surgimentos. Mas, atestam também a diversidade cultural e a multiplicidade de influências étnicas presentes e atuantes até nossos dias, a permear a expressão artística pelo meio da linguagem musical em nosso país. Há um afastamento das novas gerações em relação a estas obras, o que redund

em esquecimento, e a conseqüente desvalorização da memória que esvazia o patrimônio artístico e musical brasileiro. Além do mais, se não há o conhecimento dos gêneros, a percepção distinta e aprimorada em relação aos estilos não pode sequer ser alcançada.

Este afastamento da memória da arte musical tem se tornado inclusive um motor produtivo de preconceitos e restrições em relação à ampliada compreensão sobre o que vem a ser verdadeiramente a dimensão da linguagem musical. O texto de autoria de José Miguel Wisnick pode ser citado como um exemplo significativo da hostilização de que foi alvo o pianista brasileiro André Mehrmari ao apresentar o gênero musical Choro, para um público infanto-juvenil por meio das composições de Ernesto Nazareth, um dos nossos compositores da maior importância para a música brasileira e que está reservado às névoas do esquecimento por falta de conhecimento e trabalho sobre a memória e a consolidação do patrimônio musical brasileiro entre as novas gerações:

André foi participar de um espetáculo para 600 crianças de escolas públicas, com idades entre 10 e 12 anos, num dos teatros municipais de Campinas, no bairro da Vila Industrial. Acho que o programa se chama "Ouvir para crescer", e se iniciava com uma parte em que atores apresentavam de maneira divertida, caracterizados como palhaços, as características da linguagem musical. Até aí o roteiro pedagógico-cultural transcorria sem sustos. Em seguida entrava André, que apresentaria músicas de Ernesto Nazareth, fazendo as pontes, que ele é mestre em fazer, com outros repertórios. Ao começar uma explicação sobre a sua participação, e mesmo antes de tocar, começou a receber vaias e xingamentos pesados, intensivos, que se multiplicaram e continuaram ao longo de toda a apresentação. (WISNICK, José Miguel, 2013).

Se nos deparamos com uma realidade presente onde adolescentes se revoltam e agridem de diversas formas um instrumentista, por causa da pretensão em apresentar a sua jovem platéia um gênero musical carioca, como é o choro, nascido entre segmentos importantes, símbolo de uma musicalidade inspirada na memória de ritmos que remontam à uma africanidade vivida em sofrida diáspora, fruto da mescla de música européia e danças populares entre escravos como o lundu, precisamos perceber que o tema música se conecta obrigatoriamente com outros aspectos de nossa vida social, econômica e política.

Embora possa parecer que nos dedicamos a tratar exclusivamente da música e do seu lugar na memória dos jovens brasileiros, o tema é sem a menor dúvida, profundamente correlacionado ao debate sobre cultura brasileira e o sentimento de brasilidade, estímulos para o aprendizado de História e Geografia, em suma, inspiração para uma cidadania viva.

CONCLUSÕES

Abordar a questão da memória e do patrimônio cultural musical brasileiro facilita a apreensão da conexão entre a música, sua memória e condição de componente do patrimônio cultural brasileiro, com o campo do debate sobre a questão da cultura e da identidade nacional, fomentos do sentimento de pertencimento, animador de uma cidadania ativa.

Identificamos que quando as novas gerações demonstram desconhecer e não apreciar a memória afetiva musical de gerações passadas, o que assistimos não é o tão falado choque de gerações por uma ruptura estética. Trata-se na atualidade, de um fenômeno mais profundo: a perda de conexão com os que precederam a mais nova geração e a não identificação de uma conexão com os que os antecederam no tempo.

A história da sociedade na qual se inserem os jovens por conseguinte, passa a ser, da maneira como lhes é apresentada, apenas uma referencia de conteúdo disciplinar sobre o qual precisarão prestar contas de estudos e memorização ao enfrentarem as provas, sejam elas mensais ou processos de seleção em vestibular. Não lhes diz respeito, nem é parte se sua herança social. A falta de afinidade e desconhecimento aponta para a ruptura entre gerações que não compartilham memórias que sejam assentadas em experiências vividas ou na memória das mesmas. Como indica o autor: *“Todo o conjunto de lembranças que temos com eles desaparece bruscamente. Esquecer um período da vida é perder contato com os que nos rodeavam”*. (HALBWACHS, 2018, p.37)

Quando se fala de educação musical não estamos tratando somente do ensino teórico de música, ou de quando se toca um instrumento. Na formação do professor da educação básica aprende-se sobre didática, sobre a maneira de como mediar o conhecimento, tendo por base discussões que falam da importância de se utilizar diferentes recursos para a prática docente, entre outras coisas. E, em alguns casos a música lhes é apresentada como arte que pode ser instrumentalizada como veículo de suporte para a memorização de conteúdos a serem infinitamente cantados até que a memorização se realize por fim.

Entendemos que o desenvolvimento da apreciação musical envolve a aproximação democratizada ao patrimônio artístico musical brasileiro, com o objetivo de ampliar o gosto e o afeto pela cultura produzida em nosso país. Este movimento estimula o sentimento de pertencimento à sociedade o que, simultaneamente, fortalece o entendimento de que somos todos igualmente responsáveis pelo país que habitamos. Efetivos criadores da história que vem sendo narrada a cada nova geração nas nossas escolas.

Esta abordagem permite, em contrapartida, o exercício de transpor as

fronteiras disciplinares, permeando com sonoridades prazerosas a reflexão sobre temas que de outra forma podem se tornar áridos, e portanto, inócuos, se considerarmos na ação educativa apenas os caminhos de uma didática de explanações e leituras como a exclusiva via de acesso a temas tão relevantes tais como cultura e cidadania.

As experiências que se sucederam no Laboratório de Educação Musical com a realização das oficinas e do curso de extensão só se tornaram efetivamente viáveis devido o suporte tecnológico utilizado. A exibição de músicas, o acesso a internet, viabilizaram a apreciação musical. A utilização de slides exibidos em *PowerPoint*, seguidos da execução de arquivos musicais baixados da internet, foram recursos indispensáveis. Permitiram também a visualização de rótulos de discos produzidos em várias épocas, com a visualização de *longplays* gravados em porcelanato, executáveis em 78 rpm e vendidos envoltos em capas de papel pardo, sem as conhecidas capas ilustradas com desenhos e fotografias, verdadeiras obras de arte aguardadas pelos consumidores e fãs.... São informações muito importante porque permitem o compartilhamento de experiências, levam o debate até os lares, ampliando o efeito de uma educação que não pode mais se restringir aos muros das escolas e universidades.

Uma inovação que até os mais resistentes precisam celebrar em relação às novas tecnologias da informática consolida-se no fato de que estas têm servido de suporte para viabilizar o diálogo durante o presente período de reclusão e distanciamento social que atravessamos. A utilização de diversas mídias e redes sociais permite que se mantenham a interação a distancia favorecendo a que continuemos a enriquecer nossos conhecimentos e a trocar sons e diálogos sobre cultura e cidadania.

Este é um futuro que se consagra no presente, um tempo vislumbrado e que nos atravessa o hoje, se afirmando como parte integrante das salas de aula e das dinâmicas educativas que, cada vez mais incorporam em seus cotidianos as diversas formas de utilização de tecnologias. Juntamente com a flexibilização das fronteiras disciplinares e a incorporação de conteúdos diversos como a arte e a cultura que precisam fazer parte de ações educativas nas quais se pretende formar os futuros de cidadãos críticos e atuantes de nosso país.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Flavia de Oliveira, LEAL, Rita de Cassia Souza. *Cartografia Musical Rio de Janeiro 450 anos*. Rio de Janeiro: LetraCapital, 2016.

BRASIL. Lei 11769/2008.

CANDAUI, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2018.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. O longo caminho*. 13 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2014.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX. O espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

PRIOLLI, Maria Luisa de Mattos. *Princípios Básicos de Música para a Juventude*. 1º Vol. Rio de Janeiro: Casa Oliveira de Músicas, 2006.

WISNICK, José Miguel. *Não ouvir*. Rio de Janeiro: Caderno Cultura. Jornal O Globo, 2013.
<https://oglobo.globo.com/cultura/2013/05/25/nao-ouvir>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aperfeiçoamento 40, 45, 46, 72

Aprendizagem complexa 78, 79

B

Brasileiro nativo 144

C

Cariri Cearense 128, 129, 130, 133, 134, 139

Conquista 1, 5, 17, 144, 145, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 159, 174

D

Decolonialidade 128, 132, 133, 142, 144, 145, 151, 155

Diretrizes curriculares nacionais 52, 53, 56, 65, 66, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77

Diversidade de gênero 163, 166

Diversidade sexual 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 177

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 25, 26, 29, 30, 35, 40, 43, 45, 46, 48, 50, 51, 56, 57, 58, 62, 63, 65, 68, 71, 72, 75, 76, 78, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 118, 120, 121, 141, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 176, 200, 211, 220, 221, 239, 246, 276

Ensino de psicologia 52

Erveiras 128, 129, 131, 132, 134, 135, 140, 141

Escola 4, 9, 14, 19, 22, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 38, 58, 75, 100, 102, 160, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 179, 192, 244, 257, 274, 275

Estudantes 4, 15, 22, 28, 30, 31, 38, 62, 71, 78, 79, 110, 114, 167

F

Formação 1, 3, 4, 5, 10, 11, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 97, 98, 100, 103, 105, 108, 114, 115, 130, 138, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 163, 169, 171, 186, 189, 194, 196, 204, 207, 210

Formação do psicólogo 52, 54, 57, 63, 72, 76, 77

H

Homofobia 168, 169, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178

I

Identidade 1, 3, 4, 8, 9, 11, 12, 15, 16, 25, 26, 28, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 68, 99, 103, 105, 126, 131, 133, 134, 176, 182, 183, 187, 188, 189, 191, 192, 210, 265

Identidade docente 1, 3, 4, 8, 9, 11, 12

Imaginário 28, 34, 35, 36, 38, 39, 147, 158, 159, 160, 161, 168, 195, 260, 261, 263, 264, 267, 271, 273, 275

Inclusão 15, 17, 40, 43, 47, 50, 51, 109, 111, 124, 166, 167, 175, 215

M

Modalidade à distância 1

N

Narrativas 28, 31, 34, 104, 108, 136, 140, 145, 149, 151, 154

P

Parteiras 128, 129, 131, 132, 134, 135, 137, 139, 140, 142

Pensamento complexo 79

Políticas 163, 166

População LGBTQ+ 173

Processo 1, 2, 3, 4, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 19, 20, 28, 35, 36, 37, 42, 48, 50, 53, 58, 62, 63, 64, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 77, 79, 97, 99, 102, 103, 104, 105, 112, 116, 117, 123, 128, 129, 131, 139, 140, 141, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 154, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 180, 188, 191, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 202, 203, 205, 214, 216, 217, 218, 219, 246, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 262, 267

Psicologia 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 115, 178, 218, 220

R

Reconfiguração 1, 3, 4, 11, 101

Rezadeiras 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

S

Selfie 28, 29, 30, 32, 33, 34, 37, 38

T

TIC 2, 12, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

Trabalho docente 1, 2, 3, 8, 10, 12, 13, 14

U

Universidade Venezuelana 79

Universitários 22, 78, 79, 100, 167

V

Violência 150, 151, 154, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 197, 252, 253

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2020

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2020